



A REPRESENTAÇÃO DA DEUSA VÊNUS NAS EPOPÉIAS *ENEIDA*, DE VIRGÍLIO, EM *OS LUSÍADAS*, DE CAMÕES, E NA PINTURA DE BOTTICELLI – LEITURAS INTERTEXTUAIS

*Fabrcio César de Aquiar*¹

RESUMO: O estudo em questão vincula-se à área de Estudos Literários, especificamente, à Literatura Portuguesa do século XVI e as influências clássicas na poesia épica. Contrário ao teocentrismo medieval, o pensamento do novo mundo no século XVI baseou-se nas doutrinas greco-latinas. Essa retomada dos valores clássicos veio a se concretizar com o Renascimento. O movimento surgido na Itália do século XIV, não foi apenas de ordem artística, mas também de ordem cultural, política, ideológica e intelectual. A culminância de fatores veio contradizer os valores clericais vigentes, possibilitando uma importante e única renovação cultural. O poema épico *Os Lusíadas*, publicado em 1572, não só reflete essa nova visão da cultura da Renascença, como também representa o momento que Portugal atinge o ápice de sua evolução histórica. Na proposta de estudo, será feita uma aproximação com a epopéia latina *Eneida*, de Virgílio, no que se refere aos mitos gregos, especificamente a deusa Vênus, presente em ambos os textos. Contempla ainda, uma leitura das intertextualidades da poesia com a pintura italiana do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia; pintura italiana; poesia épica; Renascimento português.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura da Antiguidade Clássica sem dúvida foi essencial para o desenvolvimento do Renascimento Cultural, pois como o nome já diz, “renascimento” mostra a retomada de algo que já havia “nascido”. Sendo assim, Os grandes artistas renascentistas beberam na fonte da Antiguidade Clássica retirando dali vários conceitos estéticos e temáticos para criarem suas obras de arte. Esta influência pode ser notada na maior epopéia renascentista “Os Lusíadas”, de Luis Vaz de Camões, na qual se evidencia a influência da obra “Eneida”, de Virgílio. Como o estudo em questão possui por foco discussões e análise de obras de arte é de grande importância que para se iniciar a reflexão seja levado em consideração o contexto de produção artística, pois estas obras foram compostas em países distintos, com culturas diferentes e também em contextos históricos diferenciados. Segundo Bosi,

O pressuposto mais geral que qualquer leitura contextualista de arte acha-se na idéia de que nenhum período da história é vazio: cada época é qualificada, rica de conteúdos próprios, constituídas de sistemas de significação, universos de

¹Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR.
fabriciomustaine@gmail.com

valores que a distinguem das outras épocas [...] Visões de mundo, espírito de época [...] são todos universos de valores, complexos superestruturais que se fazem presentes e ativos na hora da criação artística. Essa a premissa de todas as sociologias da literatura, da pintura, do cinema ou o teatro e das várias abordagens culturais da obra de arte. (BOSI, 1985, p.44).

Sendo assim, torna-se imprescindível registrar o surgimento de alguns mitos pensando nos motivos pelos quais estes foram criados, pois a idéia da mitologia não possui tempo nem espaço únicos, uma vez que os mitos possuem variações diversas, sendo que muitos foram modificados em suas adaptações artísticas ou religiosas. A maior parte da mitologia vem da tradição oral, o que facilita a sua distorção na propagação pela língua escrita, pois o mito escrito possui uma rigidez muito maior, fazendo com que não sofram variações como os mitos contados na fala. É importante ressaltar que os mitos também possuíam intenções políticas.

Considerando que o destaque deste artigo é a Vênus romana, vale lembrar que essa divindade surge devido à influência da mitologia grega, com a sua correspondente, a deusa Afrodite. Os deuses gregos eram muito mais próximos do poético, enquanto os dos latinos eram muito mais próximos à prática, adaptados à vida real. Por pertencerem a mundos bem díspares, os Deuses são semelhantes quanto aos significantes, mas bem distantes quanto ao significado. Os romanos, na realidade, transformaram os deuses emprestados pelos gregos. Explica-nos Eliade que

Em nenhuma outra parte vemos, como na Grécia, o mito inspirar e guiar não só a poesia épica, a tragédia e a comédia, mas também as artes plásticas. Por outro lado, a cultura grega foi a única a submeter o mito a uma longa e penetrante análise, da qual ele saiu radicalmente desmitizado. [...] Se em todas as línguas européias o vocábulo “mito” denota uma ficção, é porque os gregos proclamaram a vinte e cinco séculos. (ELIADE *apud* BRANDÃO, 1986. p.27).

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida com um caráter descritivo-analítico, através da identificação, descrição, classificação, interpretação e, principalmente, a busca de uma análise sem a interferência subjetiva, na medida do possível, buscando a objetividade do estudo. Houve, além da descrição da teoria proposta, uma leitura interpretativa das intertextualidades existentes no texto narrativo-mitológico e nas imagens ilustrativas – procedimentos necessários para a realização deste projeto.

Foi também desenvolvido um estudo visando contextualizar os autores e suas obras, com vistas à discussão dos influxos na história da literatura e da estética. Para isto, foi feita uma pesquisa sobre o contexto histórico-social da Antiguidade clássica e do Renascimento português, enfatizando a importância e as inter-relações entre epopéias Clássica e Renascentista. Por fim, foram estabelecidas as identificações e os contrastes, partindo-se das interfaces dos discursos literário e pictórico.

Em relação à caracterização de Vênus na pintura italiana do século XVI, é necessário, antes de qualquer coisa, ressaltar alguns pontos sobre a leitura das artes visuais para que possamos estabelecer uma relação entre a leitura entre as artes Literatura e Pintura.

A leitura visual, assim como a escrita, é composta por um sistema de signos e representa um código de leitura, o qual muitas vezes não é tão valorizado quanto deveria. Segundo Martins (1994, p. 30), a leitura deve ser considerada um “processo de compreensão de expressões formais e simbólicas”, estas que podem materializar-se por meio de várias linguagens.

Historicamente falando, a imagem teria surgido por meio dos movimentos de evangelização datados dos primeiros séculos da era cristã, como “um sistema de leitura

para os letrados” como nos afirma Tasso (2003, p.17). Esta concepção é muito antiga, porém a leitura visual ainda continua sendo vista por muitos como mero instrumento de representação da canonizada leitura escrita, como nos reafirma a autora:

Mesmo depois de séculos vemos preservada na memória coletiva uma concepção de leitura voltada essencialmente à linguagem verbal, pelo fato de que à imagem cabe mostrar, ilustrar e complementar o que se encontra dito no verbal. Exclui-se ou se atribui um valor menor à prática imagética. (TASSO, 2003, p.23).

É estranho pensar que, “o visual e a oralidade, mesmo sendo as leituras mais freqüentes utilizadas pela maioria da população, sejam menosprezadas por seus próprios leitores, e identificadas como não leitura”, como postula Marchi (2003, p.160).

O homem utiliza sua visão desde os primórdios da humanidade. Porém, há uma grande diferença entre o ato de VER e o de OLHAR. Aquele é um ato superficial, este, porém, é muito mais profundo e requer um trabalho com mais cautela e atenção. Para que este processo interpretativo se torne mais fácil, e que comecemos a *olhar* o mundo com outros olhos, é necessário o trabalho que Leontiev (2000, p.128) chama de “educação estética”, o qual prevê o ensino da capacidade de percepção, e o entendimento da arte e da beleza em geral.

No que se refere às obras de arte, sabe-se que estas composições são executadas com a utilização de diferentes técnicas presentes na música, cinema, teatro, arquitetura, escultura, literatura e na pintura. Devido à combinação de algumas técnicas podem-se obter efeitos significativos, como é o caso dos impressionistas em relação à incidência da luz, ou até mesmo como outros artistas que, através das técnicas, conseguem efeitos ou texturas variadas em suas obras. A simbologia está ligada totalmente ao sistema de signos visuais e, na maioria das vezes, possui um sentido alegórico, analisado em relação ao conjunto da obra a fim de se obter uma leitura adequada. É devido à ausência convencional dos signos visuais, que a leitura visual torna-se menos objetiva que a escrita. Segundo Köthe, em relação à leitura simbólica (alegórica):

Não se obtém a apreensão total e absoluta da verdade. A alegoria nunca é capaz de apreender toda a idéia que nela se procura expressar, nem de expressar toda a idéia que nela se manifesta. Isso quer dizer que a formulação e a exegese (convenção) da alegoria são processos complementares (KÖTHE, 1986, p.39).

Devido a isso surge a possibilidade de variadas interpretações referentes às experiências pessoais de cada expectador, em relação à leitura simbólica. Muitos artistas trabalham de forma interessante o jogo de luz e sombra. A presença ou ausência da luz pode ter vários sentidos em relação à constituição ou o efeito desejado na obra. A oposição do tom claro-escuro também causa um efeito característico, que pode ter uma vasta representação, dependendo do objetivo do artista. A cor está ligada diretamente às emoções, e possui uma carga muito grande de informações contidas em todo seu universo simbólico. Segundo Venturi (1972, p.29-30), pode ser caracterizada quanto à qualidade (azul, alaranjada, vermelha); quanto à intensidade (maior ou menor intensidade), conforme se encontra mais afastada dos neutros; e quanto ao tom, efeito de luz e sombra sugerido pelas cores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo Vênus uma das deusas mais importantes da Antigüidade, o seu nascimento relaciona-se com a união de Urano (o céu) e Gaia (a terra) para criarem os primeiros seres humanos, os Titãs. Mas um de seus filhos, Cronos (o Tempo), ou Saturno (correspondente romano), castrou seu pai com uma foice. Jogou então seus genitais ao

mar, e da espuma formada, nasceu Vênus. Como deusa, ela representa o amor e a beleza.

Na obra *Eneida*, de Virgílio, Vênus apóia os troianos, defendendo e ajudando o personagem Enéias, seu filho, para que obtenha triunfo em sua missão. No livro VIII, Vênus dirige-se a Vulcano, valendo-se de sua sedução e beleza para convencê-lo a proteger os guerreiros de Enéias. Com a ajuda dos ciclopes, Vulcano constrói as melhores armas possíveis e nelas deixa gravado o futuro brilhante que Roma virá a ter depois de vencida a guerra e fundada a cidade pelo herói Enéias.

Em relação ao Renascimento Cultural, contrário ao teocentrismo medieval, o pensamento do novo mundo no século XVI baseou-se nas doutrinas greco-latinas. Essa retomada dos valores clássicos veio a se concretizar com o Renascimento. O movimento surgido na Itália do século XIV, não foi apenas de ordem artística, mas também de ordem cultural, política, ideológica e intelectual. A culminância de fatores veio contradizer os valores clericais vigentes, possibilitando uma importante e única renovação cultural. O poema épico *Os Lusíadas*, publicado em 1572, não só reflete essa nova visão da cultura da Renascença, como também representa o momento que Portugal atinge o ápice de sua evolução histórica.

Neste outro contexto temos também a presença marcante de Vênus na obra *Os Lusíadas*, de Camões. Demonstrando bondade e buscando sempre ajudar os portugueses, protagonistas da história narrada, defende-os contra as artimanhas criadas por Baco para prejudicá-los no decorrer da grandiosa viagem marítima. Explicita Brandão:

Foi graças ao alegorismo e ao evemerismo e, sobretudo, porque a literatura grega e as artes plásticas se desenvolveram cimentadas no mito que os deuses e heróis da Hélade sobreviveram ao longo processo de desmitização e dessacralização, mesmo após o triunfo do cristianismo, que acabou por absorvê-los, porque já então estavam esvaziados por completo de “valores religiosos viventes” [...] Camuflados sob os mais inesperados disfarces, conseguiram atravessar toda a Idade Média. Na Renascença, porém, redescobertos com sua roupagem de gala, regressaram triunfantes, de corpo inteiro, para não mais se esconder. (BRANDÃO, 1986. p.34).

Na obra *O Nascimento de Vênus* (1484), de Sandro Botticelli, a deusa aparece retratada com cores neutras e possui um tom que relembra a coloração do mármore, assemelhando-se mais a uma escultura do que um ser feito de carne. Os traços delicados e finos, olhar distante e melancólico, estática, as mãos escondem os seios e a genital feminina, mostra-se pudica e reforça a concepção de beleza clássica. Nesta obra, Botticelli faz renascer a mitologia clássica.

O fato de a imagem da deusa ocupar o centro da tela acentua sua importância em relação aos demais personagens que compõem a cena. Segundo Dimas (1985, p.6), o espaço pode ter uma função meramente ilustrativa, como um pano de fundo (segundo plano), ou analítico-interpretativa (primeiro plano), quando este é construído conscientemente, buscando um objetivo desejado. O lugar central, mais destacado, é geralmente ocupado pelos personagens de maior importância, enquanto a periferia das situações nos remete às personagens secundárias, tal como se apresentam num texto escrito. Essa construção de espaço é muito freqüente em outras obras do Renascimento, como por exemplo, *A Escola de Atenas* (1510-11), de Rafael Sâncio, ou em *A Última Ceia* (1495), de Leonardo da Vinci.

Ao retratar a Vênus, Botticelli também acentua sua importância por deixá-la no primeiro plano, construindo através do efeito de profundidade um segundo plano, formando o horizonte ao fundo da tela. Esta terceira dimensão é alcançada pelo efeito da ilusão, proporcionada pela perspectiva, causando muitas vezes uma noção de profundidade. Segundo Janson (2001), os romanos buscavam esse efeito através de temáticas ilusionistas, tais como os efeitos de janela com molduras de mármore, e as

panorâmicas arquitetônicas. Efeito este, que só foi realmente alcançado com os renascentistas, através da utilização do *ponto de fuga*.

4 CONCLUSÃO

Ao desfecho deste estudo pode-se concluir a grande importância de uma leitura interpretativa centrada sobre pontos específicos de determinadas expressões artísticas, utilizando conhecimentos das mais variadas áreas, unindo-as, assim como atentando para a intertextualidade presente nas obras de arte. Ao se tratar de obras artísticas, deve-se levar em consideração a riqueza de informações contidas nestas, sendo que, pelo fato da vida ser composta por referências e releituras de determinadas situações, quem tem mais conhecimento, leituras, experiências, um universo mais amplo e um maior contato com as variadas áreas do conhecimento, têm muito mais chance de percebê-las, podendo retirar mais informações e detalhes de variadas situações, que para outros, com menor conhecimento, passariam despercebidas. Desta forma, conclui-se a grande importância das leituras intertextuais entre a Literatura e Pintura, artes tão íntimas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1985.

BRANDÃO, Junito de Souza: **Mitologia Grega**, volume I, Petrópolis: Vozes, 1986.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1985.

JANSON, H. W. **História Geral da Arte: O Mundo Antigo e a Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOTHE, Flávio. **A Alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

LEONTIEV, D. A. **Funções da Arte e Educação Estética**. (apud) **Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares**. Textos da Conferência Internacional Educação Estética e Artística. Coordenador: João Pedro Fróis. Tradução: Maria Emília Castel-Branco. Lisboa: Gulbenkian, 2000, p.127-168.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In: NEVES, I.C.B. SOUZA, J.V., 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza. **As Múltiplas Faces da Iconografia na Prática de Leitura Escolar**. Tese de doutorado. UNESP, Araraquara, São Paulo, 2003.

VENTURI, L. **Para Compreender a Pintura de Giotto a Chagall**. Tradução Nataniel Costa. Lisboa: Estúdios Cor, 1972.